

**MANUEL DE SOUSA MOREIRA  
– UM CISNE NO PARNASO PORTUGUÊS<sup>130</sup>**

*Cidália Dinis (FLUP)<sup>131</sup>*

**RESUMO**

Apesar de ser considerado por muitos especialistas como um dos poetas mais representativos do período barroco português, Manuel de Sousa Moreira (1648-1722) continua a ver a sua obra, como a de muitos autores deste período, disseminada por coletâneas manuscritas. Na base deste evidente desinteresse estão às vezes intrincados problemas de crítica textual. A existência de várias cópias manuscritas, quase sempre lacunares, para além de implicar muitas variantes, impõe a busca da lição verdadeira – tarefa morosa e muitas vezes só possível por aproximação. Com este projeto de estudo e edição da obra de Manuel de Sousa Moreira procuraremos atenuar não só o esquecimento que sobre eles (textos e autor) se abateu, como também dar a conhecer um dos “mais Canoros Cisnes do Parnaso” (BARBOSA, 1998, p. 384-385), quer pelo seu valor como testemunho de uma época, quer pela sua riqueza literária ainda longe do alcance do leitor atual.

**Palavras-chave:** Poeta. Barroco. Inédito. Adição.

**1. Introdução**

Não é minha intenção apresentar, nesta comunicação, uma teoria original sobre a inúmera produção literária que vai da segunda metade do século XVI até aos fins do século XVIII e permanece ainda inédita, esquecida, à espera de ser redescoberta. Pelo contrário, o objetivo que preside a esta comunicação é, por um lado, dar a conhecer, ainda que de uma forma breve, uma obra e um autor praticamente desconhecidos; por outro lado, contribuir decorridos 292 anos após a sua morte (13-12-1722), para esbater uma lacuna dos estudos literários nacionais que continua (e continuará) a subsistir.

---

<sup>130</sup> Este artigo resulta do trabalho apresentado no IX Congresso da Pós-graduação em Língua Portuguesa, realizado na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 3 a 7 de novembro de 2014.

<sup>131</sup> Membro do Grupo de investigação Multiculturalidade e Diálogo Internacional do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. Doutorada em Literaturas e Culturas Românicas pela FLUP e Investigadora de Pós-doutoramento (bolsista FCT).

## 2. *Um cisne no parnaso português*

Considerado por muitos especialistas como um dos poetas mais representativos do período barroco português, Manuel de Sousa Moreira nasceu em Mogadouro, Trás-os-Montes (1648) e faleceu a 13 de dezembro de 1722, quando contava 74 anos de idade (BARBOSA, 1998, p. 384-385).

Segundo José Costa e Silva, que no *Ensaio-biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes* (1855, p. 125-199) lhe traça uma sumária biografia – a que nós efetuamos alguns acrescentos resultantes das pesquisas que temos vindo a desenvolver, no âmbito do projeto de pós-doutoramento – o poeta era filho de Francisco Moreira de Sousa e de D. Maria Domingues de Antas, pessoas “mui qualificadas, e estimadas daquela provincia, pela nobreza de sua extracção, e opulenta fortuna que desfrutavam” (SILVA, 1855, p. 125).

Dotado de uma singular vivacidade, memória tenaz, desde cedo revelou aptidão para as línguas como o grego, o latim, tornando-se igualmente muito hábil na língua castelhana, em que escrevia com tanta elegância e pureza como na latina.

Concluídos os estudos preparatórios, matriculou-se na Universidade de Salamanca, onde frequentou com grande aplicação e aproveitamento o curso filosófico, obtendo o grau de Bacharel na faculdade de Direito Pontifício. Regressa à pátria para ser incorporado na qualidade de Lente na Universidade de Coimbra (BARBOSA, 1998, p. 384-385).

A cadência do metro, a escrita engenhosa, o estilo elegante contribuíram para que se tornasse num dos “mais canoros Cisnes do Parnaso” (BARBOSA, 1998, p. 384-385), tanto na língua materna, como na castelhana e latina.

Ao profundo conhecimento das ciências sagradas e profanas juntava, Manuel de Sousa Moreira, o estudo das letras a “amena literatura, gozando a reputação de grande poeta, tanto latino, como português, como castelhano” (SILVA, 1855, p. 126). Foi, igualmente célebre na oratória, como se depreende do grande número de discursos que recitou nas mais famosas academias, que floresceram no seu tempo tanto em Portugal, como em Espanha.

Não foi igualmente inferior o seu talento enquanto pregador, onde arrebatava suavemente as atenções dos mais célebres eruditos das Academias de Espanha e Portugal quando ouviam os seus discursos ornados

pelo principado da eloquência, pela aguda discrição, pela elegância, marcados não só por uma linguagem pura, mas também por uma elevação de pensamentos, força e graça de expressão com que eram escritos.

Contava apenas trinta anos quando entrou no estado eclesiástico, ordenando-se presbítero. Foi, pouco depois, provido na Abadia de S. Martinho do Peso do bispado de Miranda, donde passou para a de Santa Maria de Castelo Branco, arcebispado de Braga.

Atendendo à sua erudição e talento, foi nomeado Secretário do Padroado Real pelo Arcebispo de Lisboa e Capelão mor D. Luís de Sousa. Foi, precisamente, a rogo daquele prelado que Manuel de Sousa Moreira tomou a seu cargo a tarefa de escrever a história da Casa de Sousa, a que ele pertencia. Como recompensa desta tarefa, que desempenhou com elegância de estilo, foi-lhe atribuída a Abadia de S. Mamede Lindoso, donde passou depois para a Igreja de Santa Maria de Chãs, pertença do Padroado Real e situada no concelho de Távora, bispado de Viseu. Acabou, posteriormente, por ser transferido para a Abadia de Nossa Senhora da Assunção de S. Bado, termo da vila de Alfândega da Fé. Foi acadêmico supranumerário da Academia Real de História e marcou presença em quase todas as Academias poéticas que existiam naquele século, sendo muito estimado e respeitado de todos os literatos que as compunham.

No entanto e apesar de ser considerado, como um dos mais emblemáticos poetas do período barroco, Manuel de Sousa Moreira, continua a ver a sua obra, como a de muitos autores deste período, disseminada por coletâneas manuscritas. De entre os numerosos códices que contêm textos seus, salientam-se o 260 dos manuscritos da livraria do Arquivo Nacional da Torre do Tombo; os 20-III-52, 50-I-8 da Biblioteca da Ajuda; os 396, 666 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; os 12960, 12961 da Biblioteca Nacional; o JC 8232 da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada; o BG/9576 da Biblioteca da Universidade de Salamanca; o R/62064 da Biblioteca Nacional de Espanha; e o 14-5-4 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Desta vastíssima produção, somente *Theatro histórico, genealógico, y panegyrico: erigido a la immortalidade de la excelentíssima casa de Sousa* (Paris, 1694) logrou conhecer a luz da imprensa. Escrita em língua castelhana e por diligência do Arcebispo Luís de Sousa (como já tivemos oportunidade de mencionar), esta história genealógica, aliando a elegância do estilo com a soberania do assunto, eterniza e celebra as memórias dos antepassados da Casa de Sousa.

Manuel de Sousa Moreira é, pois, mais um exemplo da inúmera produção literária que desde a segunda metade do século XVI até aos fins do século XVIII permanece ainda inédita, esquecida, à espera de ser (re)descoberta. Na base deste evidente desinteresse estão às vezes intrincados problemas de crítica textual. A existência de várias cópias manuscritas, quase sempre lacunares, para além de implicar muitas variantes, impõe a busca da lição verdadeira – tarefa morosa e muitas vezes só possível por aproximação.

Tendo consciência plena do árduo trabalho que é editar uma obra e assumindo que o conhecimento da nossa poesia barroca depende sobretudo do interesse de investigadores nacionais, pretendemos com este projeto de estudo e edição da obra de Manuel de Sousa Moreira atenuar não só o esquecimento que sobre eles (textos e autor) se abateu, como também dar a conhecer um dos mais fecundos e engenhosos poetas, quer pelo seu valor como testemunho de uma época, quer pela sua riqueza literária ainda longe do alcance do leitor atual.

Apesar de reconhecidos estudiosos como Vítor Aguiar e Silva, Ana Hatherly, Maria Lucília Gonçalves Pires, entre muitos outros, se terem dedicado à literatura desta época, editando textos e publicando trabalhos críticos; a verdade é que todo este esforço permanece incompleto, sobretudo se pensarmos que muitos são os autores e obras que estão dispersos por manuscritos desconhecidos.

Salientados os principais aspetos referentes à biografia do poeta, não poderíamos deixar de tecer algumas considerações sobre a sua produção poética. Filho de uma época de profundas metamorfoses, Manuel de Sousa Moreira é o exemplo da criatividade portuguesa do período barroco.

Escrevendo ora em português, ora em castelhano, as suas composições deixam antever não só o jogo entre o sacro e o profano, mas também a Natureza como palco da dor e da efemeridade da vida:

*A um Crucifixo de mármore vermelho e branco*

Vês esse mármore, que ao monte altivo  
obstinado em fortíssima aspereza  
constante desprezou toda a dureza  
de tanto de tanto fulminado ardor activo?

Pois vê, que docilmente sensitivo,  
como sombra da própria Natureza  
ilustra, mais que mancha, sua pureza  
nesse purpúreo arroio sucessivo.

Abranda-se a dureza de um rochedo,  
e em roxa undosa veia desatado  
se mostra em tanta lástima sensível.

E chega a ser mais duro que um penedo  
teu coração, mortal, pois obstinado  
mais insensível é que o insensível.

(SILVA, 1855, p. 169-170)

Temas caros ao barroco, como a *fragilidade da vida humana*, comparecem igualmente na obra do poeta transmontano. Mas, o que o torna realmente *suis generis* é, quando, influenciado pela leitura dos romances de cavalaria, desenha a mulher com contornos de guerreira. Aqui o fuso dá lugar à espada, o toucado é trocado pelo capacete:

*A Alexandre não querendo ver a esposa e filha de Dario, que depois da derrota daquele Rei da Persia, haviam ficado prisioneiras no seu campo*

Que acção misteriosa te embaraça  
Magnânimo Alexandre, a que não queiras  
ver nessas três belíssimas guerreiras  
da Ásia toda a delícia, e toda a graça?

E por não agravar da sorte escassa  
o rigor entre vistas lisonjeiras  
ou porque de tão altas prisioneiras  
não te cabe aos olhos a desgraça?

Bem pode ser; e eu mais de ti confio  
mas penetrando mais profundamente  
do teu peito o segredo misterioso.

Não viste as caras prendas de Dario  
porque da vista o pejo reverente  
do coração foi medo valoroso.

(SILVA, 1855, p. 176)

Veja-se ainda a forma como Manuel Moreira constrói o soneto ao “cabelo de D. Leonor de Lorena”, contrastando a beleza do cabelo loiro ofuscada pela “negra prisão” da bolsa de cetim preto e a revolta do sujeito poético aprisionado pelos sentimentos da paixão:

*Ao cabelo de D. Leonor de Lorena, metido em uma bolsa de cetim preto*

Bolsa avarenta, ingrata nuvem fera  
que com negra prisão, com triste agouro  
da terra escondes o melhor tesouro,  
eclipsas a mais clara luz da esfera.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Que te vai condenar com lei severa,  
que te importa enlutar com vil desdouro  
esse ophir desatado em rios de ouro?  
Esse Sol, que eclipsado reverbera?

Mas advertido bem tua avareza,  
mas tua austeridade bem prevista,  
providência foi mais que crueldade.

Pois vista a tanta luz tanta beleza,  
quantas almas teriam liberdade?  
ou quantas atenções teriam vista?

(SILVA, 1855, p. 177)

Votado a um imerecido esquecimento, não será mais do que legítimo “resgatá-lo” das entranhas da memória? Quem poderá ficar indiferente ao poema “Aquele incêndio, Filis, que apagado”, inspirado pela re-novação de um incêndio amoroso que se julgava extinto:

Aquele incêndio, Filis, que apagado  
presumiu a alma que no peito estava,  
como do coração se alimentava  
se ocultou entre as cinzas desfarçado.

Porém como do ardor dissimulado  
ou presumida, ou néscia se fiava,  
foi repetir a origem que o formava,  
não sei se por descuido, ou por cuidado.

Mas quando a fatal causa deste dano  
a memória acusou com um suspiro,  
soprou a cinza, a quem o ar inflama

Oh néscia confiança! Oh cego engano!  
que aproveita dar vistas o retiro  
si dentro d’alma se alimenta a chama!

(SILVA, 1855, p. 178-179)

Atente-se no soneto moral a Fábio, um dos mais notáveis que saíram da pena de Manuel de Sousa Moreira. Aqui elogia-se a constância do varão forte que resiste às tribulações e triunfa dos desfavores da Fortuna:

Por mais que o mar, oh Fabio, embravecido  
contra o rochedo altivo se alevante,  
por mais que furibundo o Noto espante  
a robusta altivez do cedro erguido:

Só servirá seu bárbaro ruído  
de o deixar mais soberbo, e mais constante;  
só servirá sua cólera arrogante  
de o deixar mais ufano, e presumido.

Mais do que o rochedo ao mar, que o cedro ao vento  
sobre as injúrias da inconstante sorte  
sempre igual teu espírito se eleve!

Pois todo o seu furor, bem que valente,  
se arma contra o valor do varão forte  
e, Fabio, espuma vã, é sopro leve.

(SILVA, 1855, p. 179)

### 3. Conclusões

Reabilitá-lo é, pois, estabelecer uma ponte entre os requisitos do virtuosismo verbal e a multiplicidade de impressões internas e externas de um mundo todo ele composto de reentrâncias.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Machado. *Bibliotheca Lusitana*, vol. II. Lisboa: Biblioteca Nacional (Ophir), 1998, p. 384-385.

MOREIRA, Manuel de Sousa. *Theatro historico, genealogico, y panegyrico*: erigido a la immortalidade de la excelentissima casa de Sousa. Paris: En la Empronta Real, 1694.

SERRÃO, Veríssimo. A descrição Poética da Ilha da Madeira de Manuel de Sousa Moreira. *Islenha*. Funchal: Ed. DRAC, 1997, p. 157-180.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliographico portuguez*, vol. VI. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (Ophir), 2001, p. 115.

SILVA, José Maria da Costa e. *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portugueses*, tomo X, livro XXIV, cap. I. Lisboa: Imprensa Silviana, 1855, p. 125-199.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Filológicos, 1971.